

Eus

Roni

1ª Edição

Câmara Brasileira de Jovens Escritores

Copyright©Roni Santos

Contatos com o autor:
E-mail: ronipsantos@hotmail.com
Tel.: (34) 9974-9643

Câmara Brasileira de Jovens Escritores
Rua Crundiúba 71/201F - Cep 21931-500
Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 3393-2163
www.camarabrasileira.com
cbje@globo.com

Abril de 2007

Primeira Edição

Coordenação editorial: Gláucia Helena
Editor: Georges Martins
Produção gráfica: Alexandre Campos
Revisão: do autor

Livro registrado na Fundação Biblioteca Nacional
Número: 394810

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por
qualquer meio e para qualquer fim, sem a autorização
prévia, por escrito, do autor.

Obra protegida pela Lei de Direitos Autorais

Roni

Eus

Abril de 2007

Rio de Janeiro - Brasil

PREFÁCIO

Eus é muito mais que a multiplicação dos sentimentos unilaterais do jovem poeta Roni, em sua busca incessante. É a individualidade do poeta que nos fala, trilhando quase sempre seu caminho metafísico. Dono de um lirismo comportado, conciso, pronto a envolver-nos em sua musicalidade que acaba por legitimar sua empreitada poética. Parabéns, Roni, por sua bela estréia na nau constante que é o desafio das palavras.

Julio Cesar da Costa
Fevereiro de 2007

19/04/07

Considerações do autor

Já há algum tempo impossibilitado de me apresentar pessoalmente e mantendo o espírito rebelde da poesia, faço esta publicação motivado de satisfação, por apresentar o encerramento de um ciclo, mas não necessariamente um fim.

Créditos que busco por músicos ou poeta letípedos por demais discriminada, assim como a poesia vertiginosa, balbúrdica - ou audácia - para se intitular um ou outro.

Esquecido de qualquer das intenções discutidas, venho apresentar momentos de inspiração numides neste livro, acreditando que o arte recolhe e mantém seus instantâneos, e não os contênis.

P. B. Romi

I

MUNDO COR-DE-ROSA

à Giovana P. Platinetti

Mundo cor-de-rosa
Fantasias coloridas
Numa vida em preto e branco
Mundo azul
Colorido artificialmente
Por quem se permite sonhar...

Meu mundo tem todas as cores
Azul, verde, vermelho...
Sobre uma tela em branco
A tela é sempre a mesma
As cores são fonte de vida
Que cor é seu mundo?

CAMALEÃO

Ser sábio ao falar com um sábio
Ser leigo ao falar com um leigo
Compreender a todos...
E ser compreendido
Camaleonicamente

Roni

à Giovana P. Platinetti

A beleza
Oculta no tempo
Revela-se aos poucos
E ainda mais bela

É o brotar da rosa
Num galho espinhoso
Para que rosa seja
Aos olhos da platéia

É o belo inebriante...
Que a tudo sobressai
Que tudo enfeita
E em tudo pode estar

CONDIÇÕES

Não se é experiente sem ter experimentado
Só se chega ao topo começando por baixo
Não existe saudade de quem está por perto
Não se amadurece sem nunca ter sofrido
Nada pode ser ruim sem que ninguém tenha provado
Nada pode ser caro para quem nunca comprou

OS DOIS LADOS

O lado direito do cérebro, emotivo
Sufoca o esquerdo, passivo
E surge o ato, impulsivo
Mais tarde a consequência...arrependido
O lado esquerdo contra-ataca, vingativo
Analisa friamente a questão, calculista
Mas abstém-se de sentir...desumano

O EU

Em algumas artes, “empresta-se” o eu a outrem
A personagem sufoca o principal
Em outras, o eu põe-se à mostra
Nem que se queira ocultá-lo

VISÃO

Tudo, para o poeta, é poesia
Sua vida, sua morte
Seus amores, desencantos
Suas dúvidas, certezas

Tudo aquilo que é seu
E o que não lhe pertence (?)...
São sempre senhores
Daquilo que podem ver

Tudo, para ele, é poesia...
Nada mais lhe resta
E nada parece ter fim...

CONFUSO?

- Pronto, é isso...
- Já resolveu?!
- Sim, não o vê?
- Vejo, mas...como chegou a esse resultado?
- Como assim “como”?
- Nada surge do nada...é preciso fazer uso de meios para se obter algum fim...
- Quer dizer que não existe um fim sem meios?...
- Exatamente.
- Tudo bem...o que sei é que resolvi...

JUDAS

O olhar “tão certo” do presente
Pouco enxerga, de fato
Tudo é turvo, ou mesmo oculto
Está sempre atrasado

Era Judas, não é mais...
“E agora...que fizemos?
E agora...que fazer?
Será que ele aceita desculpas?

Já sei...ergueremos uma estátua!
Redimiremos toda culpa
No mais nobre metal
É isso!

Mas...espere...
Se não foi Judas...
Quem foi?
Hmmm...”

**MATEMÁTICA
REAL**

$$1 + 1 = 1$$

$$1 \times 1 = 1$$

$$1 - 1 = 0,5$$

$$1 + 2 = \emptyset$$

$$1 \div 1 = ?$$

INSTINTIVO

O perfume natural
O suor ininterrupto...
As palavras que impulsionam
O olhar que se torna vago
O calor da respiração...
O sincronismo dos afagos...
O cenário em segundo plano
O testemunho da escuridão

Eus

PASSADO

Vai-se o passado
Separado por horas
Poucas horas...
Mas o bastante
Para torná-lo passado

VIDA DE SONETO

Soneto com sono, cansado
Tentava, em vão, repousar
Poeta teimoso, inspirado
Queria em soneto versar:

“ – Só faltam dez linhas, soneto!
Me deixa o poema escrever...”
Soneto boceja e se irrita
Replica sem volta temer:

“ – Dez linhas é muito, poeta!
Mais cedo tivesse tentado!
Não vê que é tarde da noite?!”

Poeta sorri descansado
Enquanto soneto cochila
Em versos, poema acabado...

FELIZ

Tão feliz sentiu-se
Que ser eterno quis
Quis correr e gritar
Dizer a outro país
Primavera permanente
Professor e aprendiz

Tão feliz se viu
Que, à toa, de tudo ria
Passado, presente e futuro
Escreveu em poesia
Lançou seu sorriso ao vento
Fez o que antes não podia

Tão feliz o viram
Que uniram-se a ele
A fim de saber o motivo
De tão insensata alegria
Mas não pôde ou permitiu-se falar
Conter o riso não queria...

II

ASPIRANDO...

Que cheguem às mulheres
Os mais belos madrigais
Que as toquem suavemente
Naquilo que têm de mais íntimo

Que as faça desejarem flores
Violetas, rosas, carmesim
Que as deixem inebriadas
Do mais puro desejo feminino

Que as tornem menos homem
E mantenham-se soberanas
Que aspirem ao romantismo
Que sejam mulheres, enfim...

VIRAÇÃO

Trago, lá de dentro, um anseio
Suor que sob a chuva não se mostra
E oculto, o meu triste devaneio
É a sina d'uma alma que se prostra

Trago, em meus olhos solitários
A candura da esperança que conforta
Um sofrer seria muito, e são vários
Até quando meu peito comporta?

Trago, no amor que por ti espreita
O aroma de uma aurora jamais vista
E, quem sabe, dentro de ti aceita...

Mas ando sobre ruas de algodão
E de tanta leveza, altruísta
Flutuo, e faço da brisa meu chão

ENIGMA 112

Passos sobre o piso de madeira
Ao ritmo do seu caminhar
Suave bailar se aproxima...

Descendo as escadas, sozinha
Paredes a te observar
Silenciosamente...

E eu, instinto felino
Num ímpeto aguço os sentidos
Tentando desvendar você...

SAFIRA

Olhos marcantes, cristal
Seduzem a minha atenção
Quartzo vítreo azulado...

Emoções se revezam, safira
Sob o prisma do azul céu e mar
No semblante que expressa o querer
Na dúvida que aflige o ser

Conta-me um conto sem palavras
Mostra-me o enigma da tua alma
Lança teu olhar sobre si mesma
Desvenda-te e segue serena...

RHODE

à Rhode Lucy

Corpo atento
Mãos que suam
Notas soam...

Poses várias
Dançam luzes
Pés que sangram
Tons ecoam...

No teatro
Imanizado
Representa
A tragédia
Que é limalha

Ou no espaço
Reservado
Desprovido
De olhares...

Palco é onde
Brote a arte
Palco é onde
Rhode seja
Ela mesma...

TEU SILÊNCIO

à Geili

Sou eu quem compõe melodias
Quem diz frases difíceis
Achando que sei o que digo...
E você apenas ouve...

Sou eu quem te liga na noite
Perguntando como se sente
Falando de mim novamente
E você apenas ouve...

Eu que sempre vou ao seu encontro
Com pretexto de amizade
Pra poder matar saudade
Pra falar tudo de novo...
E você apenas ouve

Teu silêncio é meu tormento, mas diz tudo
Teu olhar me diz que ainda não acabou
Teu sorriso me renova, ilusão...
Nos teus olhos há um brilho de desejo
Nos teus gestos há razão, não emoção
Quando beijos podem trazer o passado
É sensato não ouvir o coração...

REBIRTHING

to Breanna Gury

You make me smile
I make you cry
You make me live
I make you die
You make me stand
I make you bend

You please me so much
I beat you on face
You beg me to stay
I shout you to leave
You hug me so strong
I push you aside

You wait for me awake
While I sleep anywhere
You wake up alone by morning
I pretend that really don't care

You want to carry on
And I prefer to break
You say you still want me
I cry for my mistake...

SEM-FIM

à Giovana P. Platinetti

É sempre que penso em ti
Nas horas de solidão
Que as aves de arribação
Norteiam-se pelo seu cheiro
E seja em outubro ou janeiro
Depressa resolvem partir

À tua presença emudecem
Sabendo, fiéis, ocultar
As dores que sabem que sinto
Sem nunca, a ti, revelar

E quando em regresso revoam
Evocam capriccis, prelúdios
E ouço tão belo cantar...
É rouxinol que te achou linda
Foi bem-te-vi que te viu só...
E a mim vieram anunciar

Mas, de todos, mais sombrio
É o canto do sem-fim
Diz endechas de distância
D'um martírio sem esperança
Sem-fim...sem-fim...

III

DOIDOS VARRIDOS

De todo pensamento
Esquisito, turbulento
Surge algo de momento

Subconscientemente
Todo o mundo fica ausente
Nada é possível imaginar
A não ser o que se sente

E o que se sente se transmite
Para uns, sapiente...
Para outros, sem sentido...

Mas somos todos loucos
Analisando um por um
Temos um “que” de normais
Mas somos doidos varridos

PARADOXAL

E se ouvissem, na rua, meu grito?
Seria o estertor de um insano
Seria um lamento profano
Seria por louco tomado

E se vissem minh'alma caída?
Pedacos dispersos no chão?...
À luz de um olhar indulgente
Seria mais triste visão

E como, afinal, há beleza
Nos versos que escreve o poeta?
Se é dor tempo todo, tristeza...
Se é chaga que nunca se fecha?...

ENGANO

Malditos poemas de amor
Que aos montes se encontram nos livros
Amor-devaneio, fictício
Medido por adjetivos

Quisera ser livre, vivido
Jamais confinado em versos
Qual pássaro mudo, cativo...

Malditos poetas que falam
Do amor inefável, inaudito...

Mal sabe o leitor absorto
Nos áureos contornos das linhas
Que o branco que resta ao redor
Diz mais de amor verdadeiro
Que o negro ilusório das frases

Mal sabe o leitor fascinado
Que o encanto que o verso irradia
Não é, nunca foi o amor...
É só um sorriso trocista
Zombando de um ser solitário

O autor...

DESEJOS

As horas insistem em passar
Enquanto quero que elas parem
Mais tarde resolvem parar
Só porque as quero em movimento
Estou contra o tempo, ou é o contrário?

Desejo o calor do sol
Enquanto cai uma tempestade
O sol decide brilhar
Mas agora já é tarde...

MUNDO PARALELO

Duas retas caminhando lado a lado
Paralelas que podem ou não se encontrar
Partindo do mesmo ponto, ao mesmo tempo
Onde o eu pode não ser tão eu assim
Mas pode procurar ser na medida do impossível

A NOITE

A noite é triste
A noite é toda solidão
Embriaga...
Encerra o dia...
A noite pede companhia

Bela como um rosto feminino
A lua é falsa...
A essência oculta na aparência
Antes mal acompanhado do que só
A noite não termina
Sempre é noite em algum lugar

INVERNO VERNAL

à Chopin

Chopin é o inverno em si mesmo
Espírito uivante do sul
Que habita as tardes cinzentas
E as noites de melancolia

Já ouço tua voz taciturna
Em dias sombrios e sem vida
Dispersa nos pingos da chuva
Melodicamente caindo...

Agrada-me tua presença
E graças a tua existência
Podemos sofrer em prelúdio...

ÉBRIO

Embriaguez, mundo paralelo
Onde a dor não existe
Mas é adiada...
Onde surge a ousadia
É tudo ou nada...
Mesmo sem destino
Se chega a algum lugar
Ninguém sente o mal-estar
Ante o bem-estar
De não estar...

ARENA

I

Adormecido em sono profundo
Indiferente a tudo e a quase todos
Assisto a sangrento conflito
Permaneço olhando, calado
Têm minh'alma como troféu
Ecoa um grito em forma de sussurro:
"Acabe comigo ou acabo contigo."
E então o golpe final
Alguém venceu...
O vencedor me olha insistente
O silêncio me leva a segui-lo...

E quando, enfim, acordo
De tão estranho pesadelo
Meus olhos estão cansados
Como se eu tivesse lutado
Eis que pressinto outra batalha
Tendo o desconhecido como oponente
E sem poder perder tempo
Preparo-me ao extremo
E decido enfrentar

Desfiro o primeiro golpe...
Estou vencendo...
No segundo, atinjo a mim mesmo
Estou ferido...
Algo me diz que o terceiro virá do desconhecido
E veio, com mais força que pensei...
Não adormeço...mas estou confuso...
O desconhecido me observa, calado...
Desiste da luta...
Simplesmente se vai, em passos lentos...
Me pergunto a razão de não ter perecido frente a
tamanho golpe
Mas algo parece ter mudado...
Vou atrás do desconhecido
Que caminha cabisbaixo
Um vencedor de cabeça baixa?
Me antecipo em seu caminho, e grito, extenuado:
“Quem é você?”
Nenhuma resposta...
Questiono novamente, ainda mais angustiado
Eis que me olha de frente, embora em silêncio
Em seus olhos começo a compreender...
Vejo sonhos...antigos...
Que me tirou na batalha
Com aquele golpe estranho...

Já sem forças pra outra luta
Decido voltar pra casa
Sem compreender o que houve...

O meu quarto ainda é o mesmo
A guitarra sobre a cama nada me inspira
Mas, sobre um banquinho, num canto
O violão tem algo a dizer
O mesmo instrumento, amigo de sempre...
Com o semblante abatido, quase em lágrimas
Pergunto o que devo fazer
Um capricci de Paganini?
A resposta é: “apenas toque...e sinta...”
Sem nada a perder, obedeço
Componho uma melodia triste...
A música me mantém vivo
E mesmo sem querer lutar
Vou seguindo rumo a...
A essência é imutável...mas adormece

II

Um pouco distante da essência
Poucos sabem da minha fragilidade
A surpresa são os que sabem...
Agora são três...

O primeiro vem em minha direção
Acho que já o conheço
Pensei que já havia derrotado
Mas ele se mostra mais forte
E me acerta...
Fragilizado, ouço uma contagem mental

5...
Não!
4...
Malditos!
3...
...
2...
Só há uma chance...
1...
Fujo...assim não preciso lutar
Mais vale um covarde vivo...

O segundo, que de longe observava
Surge diante de mim
Não consigo reagir...
Sou dominado por instantes
Fisicamente preso

Como se não bastasse
O terceiro se aproveita
Conheço-o de algum lugar...
Tendo vencido uma vez, voltou
Dois contra um
Me entrego...

Já no fim surgem outros
Aproximam-se...
Afugentam o inimigo...
Me abraçam, percebo minha essência
Mas desta vez não choro
Convalescente, penso no que está por vir
Dessa vez não estarei só...

III

Eis que me encontro só
Mas não aos seus olhos
O sol a tudo ilumina
Com seus mais intensos raios
Hora tal em que vieste me inquietar
Mais uma vez não me deixaste falar
Covardemente, como sempre...

Não pode ser senhora das trevas
Muito menos algum representante divino
Você não é homem nem mulher
Você não é bem nem mal
Você não tem cor...
É apenas uma voz fria
Um grito em forma de sussurro...

DISPUTA

Eu vi uma artista morrendo
Quietinha, num canto escondida
E vi a tristeza nascendo
Tristeza na arte que é vida

Eu vi o poeta chorando
Sofrendo por não ter saída
E vi as palavras sorrindo
Em bocas com pouca comida

Eu vi Deus olhando confuso
Procurando o tom da melodia
E vi os demônios no palco
Tocando sem ter harmonia

Eu vi a bondade caindo
Num poço sem fim, quem diria
E vi a maldade imergindo
Gritando sem ser agonia

Eu vi o empate no jogo
Um a um nessa louca partida
E vi o placar se apagando
Zero a zero no fim da corrida...

PORQUÊS

Não devo minha existência aos deuses
Incapazes de olharem a si mesmos
A devo aos dedos de minhas mãos
E à euforia dos paliativos

Não devo resposta aos porquês
Confusos em meio a sofismas
Fascina-me o silêncio verdade...
E os assuntos que me fazem rir

Se tenho ofereço à arte
Que nada, em retorno, me exige
Que dá e não quer sua parte

Se devo é àquilo que sinto
Nem que sejam simplesmente
Devaneios num labirinto

AOS POUCOS

Vejo-os decair
Presos em fatos
Há muito consumados
E vão-se lentamente...
Nas horas tormento

Sentimentos de agora
Fragmentos emersos
De antigas mágoas

Na volúpia do instante
Parecem ressurgir
E mudar o rumo
Natural e induzido
Do que possa vir

Mas foi tanta morte
Tanto “mas”
De lá pra cá...

GRITOS DO INCONSCIENTE

Madrugada tempestuosa...
Relâmpagos em meio à ventania
Sem que possam testificar
O silêncio sepulta meu grito...
Há luzes sob a chuva
Estranhamente não se apagam
Calafrios dispersos ao longe
Junto à brisa da noite que sofre
Observa e chora inconsolável...

MORTO(-)VIVO

Morto vivo
Numa linha insensata
Concreta ou abstrata?
Solidão coletiva é pior
Maltrata...

Posso pagar qualquer preço
Compro vidas, ressuscito
E vocês nunca percebem
Só conhecem uma morte

Vivo morto
Passando despercebido
Morto-vivo
Vagando em vários sentidos...
Vivo morto-vivo

MARCAS

A marca nos deixa uma marca
Difícil de cicatrizar
A moda lançou outra moda
Não nos deixam em paz

NIETZSCHENIANDO

Avistei Zaratrusta a bailar
Alegre em sua tristeza
Dançava de ouvidos tapados
Zombava de tanta destreza

Mostrou-me a dança da morte
Me vi a dançar a seu lado
Sentindo mais vida que nunca
Isento de qualquer pecado

PAREDES DO MEU QUARTO

No meu quarto as paredes têm ouvido
Absorvem o que digo e o que sinto
Fecho a porta...não me vejo enclausurado
Sou mais livre protegido em meu recinto

O relógio com seu ciclo interminável
E os quadros que me instigam prosseguir
São detalhes das paredes do meu quarto
Serão lembranças permanentes no porvir

Sonhos, conquistas, fracassos...
Solidão, saudade, tristeza
Alegria, esperança, esperança...
São o concreto das brancas paredes
Minha doce e fiel vizinhança

As paredes não respondem, só me ouvem
Isso é tudo pra que possam existir
Necessito de ouvidos, não mais bocas
Pois quem fala quase nunca sabe ouvir

AOS “FILÓSOFOS”

Não seria o sertanejo um sábio?
Aliás, o senhor de todos eles?
Um homem que fala pouco...
Que nunca lê...

Livros...quem deles tanto precisa?
Vamos, “filósofos”, retirem suas máscaras!
Mostrem-me o que há por trás!
Ou será que têm medo?...
De verem surgir algo puro e simples?
Quem sabe o sertanejo...

Não seria o silêncio a verdade tão buscada?
Afinal, para quem tanto estudam?
Por que tão acadêmicos?
Se não se despem do mal tornado raiz?
Se não sabem, calem-se!
Não seríamos, na essência, sertanejos, e no mais, hipócritas?

IV

PROBLEMÁTICA DO PROBLEMA

Temos um problema quando passamos a conhecê-lo e, principalmente, considerá-lo como tal.

AMBÍGUO

De tanto dizer verdades, espalhei mentiras...

LOQUACIDADE

Quem fala sobre o que nunca sentiu não sabe do que está falando...

SELF

Não falo de mim por orgulho...
falo por não ser eu.

ARDIL

Grande é aquele que consegue
expor suas habilidades e ocultar
seus defeitos.

OLIGOFRENIA

Quem lança um olhar de desprezo
a outrem despreza a si próprio sem
o saber...este, sim, precisa de ajuda.

HOW MUCH?

Toda beleza tem seu preço.

GÊNIO

O gênio sabe a medida de todas as coisas.

DISTÂNCIA

A ausência reforça a presença do
que de perto estaria distante.

SEM-VERGONHA

Algumas vezes, envergonhei-me com o que escrevi. Até que, lendo o que escreveram, não pude deixar de notar o quanto são sem-vergonha...

VINGANÇA

E quanto aos inimigos, o que fazer?
Isto:.....

ÚLTIMAS PALAVRAS

Quanto às últimas palavras, servirão para anunciar a morte da poesia...

Livro produzido pela
Câmara Brasileira de Jovens Escritores
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
<http://www.camarabrasileira.com>
E-mail: cbje@globo.com